

## Sumário

### 2 Mensagem do diretor de Investimentos

- Preços dos ativos apresentaram alguma recuperação em abril
- Gestão segue com postura cautelosa diante das incertezas sobre os impactos da pandemia
- Alocações estão sendo calibradas para adequar risco e retorno dos planos
- Velocidade da recuperação da atividade econômica definirá trajetória dos ativos

### 4 Cenário macroeconômico

- Indicadores de abril e maio permitiram avaliar os impactos da pandemia com mais precisão
- Cenários pessimistas não esperam recuperação antes do 4º trimestre deste ano
- Cenários otimistas assumem recuperação nítida no 3º trimestre e aceleração em 2021
- Em qualquer dos cenários, a taxa Selic será inferior a 2,5% ao ano por um longo período

### 5 Estratégia de gestão

- Volatilidade do mercado se mantém elevada, mas seguimos aproveitando as oportunidades
- Multimercado de gestão própria montou posições para queda de juros e recuperação da Bolsa
- Renda Variável com gestão interna garantiu compra de ativos com preços atrativos
- Avaliação sobre perspectiva da economia ditará próximos passos da alocação

### 7 Desempenho dos investimentos

- Renda Fixa se beneficiou das quedas dos juros de curto prazo e das taxas das NTN-Bs
- Renda Variável se recuperou em abril com a reavaliação dos preços dos ativos pelo mercado
- Multimercados tiveram fortes ganhos com as posições em juros e em Bolsa
- Carteira de imóveis registrou rentabilidade perto da estabilidade
- Carteira de FIPs com foco em desinvestimento

#### Retorno por segmento de ativo<sup>1</sup> (rentabilidade acumulada até abril de 2020)

Segmentos	PPSP-R	PPSP-NR	PP-2 <sup>2</sup>	Petros
Renda Fixa	-6,61%	-6,31%	1,91%	-3,59%
Renda Variável	-26,10%	-26,40%	-30,47%	-27,75%
Investimento Estruturado	3,47%	3,47%	-2,01%	-0,39%
Imobiliário	1,24%	1,22%	1,45%	1,26%
Exterior <sup>3</sup>	-	-	-	-
Operações com Participantes	3,70%	5,07%	4,03%	3,90%
<b>Investimento total</b>	<b>-12,11%</b>	<b>-12,07%</b>	<b>-10,53%</b>	<b>-11,20%</b>
Taxa Mínima Atuarial (TMA)	1,78%	1,76%	2,06%	-

Prévia de rentabilidade – Data base: 30 de abril de 2020

(1) A rentabilidade de todos os planos da Petros está disponível no fim da publicação

(2) O PP-2 usa critério de marcação na curva em parte da sua carteira de Renda Fixa. Isso faz com que os ganhos (ou perdas) fiquem represados até o vencimento dos papéis. Se adotássemos o mesmo critério de marcação dos PPSPs (marcação a mercado), as rentabilidades dos segmentos de Renda Fixa e de investimento total do PP-2 estariam acima das registradas pelos PPSPs.

(3) A Petros ainda não possui alocação no exterior.

# Mensagem do diretor de Investimentos

Ao longo de abril, os preços dos ativos seguiram a tendência de recuperação iniciada no fim de março, após a divulgação dos gigantes pacotes de estímulos fiscais, monetários e políticas de compensação de rendas e de alívio de crédito. Assim, o Ibovespa terminou o mês com valorização de 10,3%, aos 80.505 pontos, acumulando perda de 30,4% no ano. O dólar seguiu em alta, registrando elevação de 4,4% no mês, cotado a R\$ 5,43. Na renda fixa, enquanto os ativos com prazo até cinco anos apresentaram valorização, os ativos de prazo mais longo apresentaram perdas em função de incertezas fiscais.

Este Informe de Rentabilidade Mensal traz os resultados prévios acumulados até abril de 2020 e reflete a melhora dos ativos nesse mês. Os planos PPSP-R e PPSP-NR apresentaram rentabilidades de 3,8% e 3,6% no mês, melhorando os resultados parciais do ano, respectivamente, para -12,1% e -12,1% (contra -15,3% e -15,1% até março). Já o PP-2 rendeu 3,3%, o que trouxe o acumulado do ano para -10,5%, frente a -13,4% no fechamento do 1º trimestre.

A forte valorização de muitos ativos de risco em abril – com destaque para a Bolsa - revela o risco que um comportamento excessivamente defensivo pode gerar para a rentabilidade da carteira, ao não aferir ganhos de altas expressivas. Em especial em um ambiente de elevada volatilidade, com fortes deslocamentos de preços em poucos dias. Após uma desvalorização tão rápida e surpreendente, é preciso buscar o equilíbrio com muita serenidade.

É importante notar que, na lógica da alocação de ativos, a intensa desvalorização dos ativos de risco (principalmente renda variável e títulos longos indexados à inflação) reduz a participação desses ativos na carteira total. Em outras palavras, o risco atual da carteira já caiu sensivelmente em relação ao início do ano, o que produz consequências distintas de acordo com os próximos desdobramentos. Se houver uma recuperação, como a alocação foi diluída, vamos demorar mais para capturar a melhora, mas se o cenário se deteriorar adicionalmente, nossas perdas serão proporcionalmente menores.

O padrão de gestão de carteiras otimizadas envolve proceder um balanceamento mensal ou sempre que a alocação mudar mais do que 10% por classe. A maioria dos gestores atuou dessa forma, comprando à medida que o mercado foi caindo e muitos deles reconheceram que foi uma decisão precipitada. Na Petros, no entanto, reconhecendo o caráter imprevisível desta crise na fase inicial, optamos por permitir a diluição da participação desses ativos de risco, sem fazer nenhuma recomposição enquanto o mercado exibia tendência de desvalorização com elevada volatilidade.

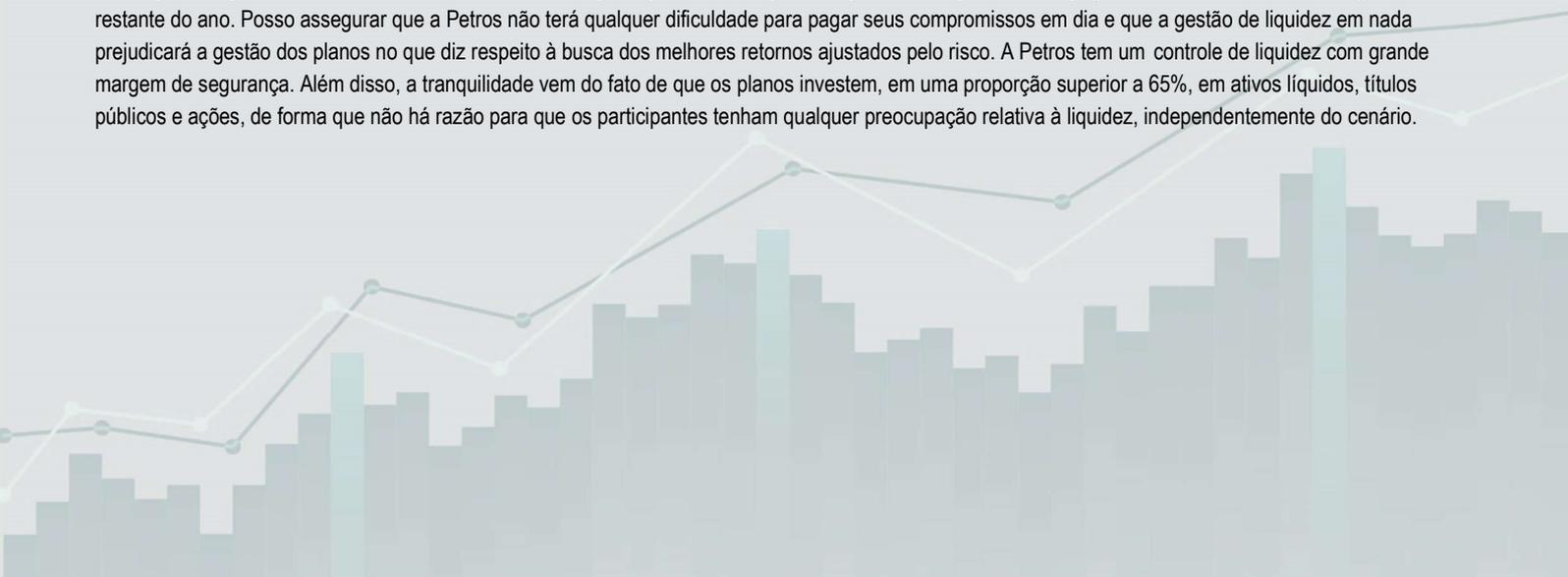
As Políticas de Investimentos de todos os planos estão sendo continuamente reavaliadas, com foco no longo prazo e, ao mesmo tempo, julgando os riscos envolvidos tanto sobre o ativo (desvalorização) como sobre o desvio do passivo de cada plano de Benefício Definido (BD) ou o risco global da carteira para os planos que não tem um passivo definido. Assim, por ora, efetuamos poucos movimentos na alocação dos planos, majoritariamente voltados para deslocar recursos da renda variável para os títulos longos indexados à inflação.

Embora sustentemos um viés otimista com relação à economia, antevendo uma recuperação nítida no 2º semestre de 2020 e em 2021 - um desenho que seria compatível com uma valorização nos preços dos ativos e criaria oportunidades para que as reservas dos planos também se recuperem ao longo dos próximos 18 meses -, ainda estamos em compasso de espera para confirmar a flexibilização do isolamento na maioria dos estados do Brasil a partir de junho.

O viés otimista está baseado em três fatores: a amplitude das políticas compensatórias, a inédita política monetária expansionista em tempos de crise e a percepção de que o impulso global vai contribuir positivamente na dinâmica da recuperação local. As políticas compensatórias (fiscal, monetária, de renda e de crédito) são de uma amplitude gigantesca e podem chegar a 32% do PIB. Assim, nos parece improvável que, num cenário global de recuperação, isto não pavingamente uma trajetória de recuperação doméstica. Além disso, nunca em nossa História o Brasil teve condições de reduzir juros para enfrentar uma crise e a perspectiva é de que os juros reais permaneçam próximos de zero por um período longo. A conjugação da reabertura da economia com os estímulos, os juros zero e o impulso externo deverá resultar em uma aceleração da economia brasileira ao longo do segundo semestre de 2020.

No entanto, ainda há o risco relevante de que o isolamento tenha que prosseguir além de maio, o que prejudicaria bastante o desenho da recuperação no segundo semestre. Apesar do viés otimista no cenário da economia, no que tange à gestão, a ideia é manter um viés mais cauteloso, aguardando a confirmação da flexibilização do isolamento antes de recompor a alocação dos planos de forma mais intensa.

Outra questão que tem suscitado muitas dúvidas entre os participantes diz respeito à liquidez e à capacidade de pagamento dos benefícios ao longo do restante do ano. Posso assegurar que a Petros não terá qualquer dificuldade para pagar seus compromissos em dia e que a gestão de liquidez em nada prejudicará a gestão dos planos no que diz respeito à busca dos melhores retornos ajustados pelo risco. A Petros tem um controle de liquidez com grande margem de segurança. Além disso, a tranquilidade vem do fato de que os planos investem, em uma proporção superior a 65%, em ativos líquidos, títulos públicos e ações, de forma que não há razão para que os participantes tenham qualquer preocupação relativa à liquidez, independentemente do cenário.



Por fim, é importante entender que, na conjuntura brasileira, as metas atuariais requerem que os fundos de pensão montem carteiras que busquem um patamar de rentabilidade muito acima do investimento livre de risco. O CDI acumulado nos últimos 12 meses estava em 5,2% em abril, enquanto a rentabilidade consolidada de todos os planos da Petros, no mesmo período, era de -0,6%. Ou seja, a distância é bem menor do que a intensidade da desvalorização recente poderia sugerir. Ainda que os planos sejam heterogêneos em suas rentabilidades e nos riscos das carteiras, no horizonte de um ano as perdas dos planos, em média, não excedem muito os ganhos obtidos no ano passado, quando os planos da Petros conseguiram capturar, de forma diferenciada entre seus pares, as fortes valorizações da Bolsa e dos títulos públicos mais longos.

Outra referência de retorno relativo que é fundamental para os planos BDs e merece ser avaliada é a evolução do ativo contra o passivo dos planos. Acompanhar este descasamento é tão importante que a nova Política de Investimento tem como pilar central o Portfólio de Referência, cuja otimização visa minimizar o descasamento entre o ativo e o passivo. Usando o IMA-B 5+ como referência para a variação do passivo, cuja rentabilidade é de -8,82%, a diferença de rentabilidade entre ativo e passivo estava em cerca de 3,3 pontos percentuais ao fim de abril, novamente, um diferencial bem menor do que a intuição poderia indicar.

A Petros está trabalhando continuamente para adaptar a carteira de investimentos às novas circunstâncias. A Gerência de Planejamento de Investimentos tem estudado os retornos esperados e o perfil dos planos e feito sucessivos exercícios de alocação para parametrizar nossa alocação, a fim de encontrar a trajetória mais segura para que, paulatinamente, os planos trilhem o caminho da recuperação.

**Alexandre Mathias**

Diretor de Investimentos



## Cenário macroeconômico

### Projeções macroeconômicas (cenário base)

Projeções		IPCA (%)	PIB (%)	Selic meta (fim do período)	R\$/US\$ (fim do período)
Projeção	2019	4,31	1,14	4,50	4,03
	2020	1,30	-4,50	2,25	4,80
	2021	2,90	5,30	2,25	4,80
	2022	3,50	2,25	5,00	4,80
	2023	3,50	2,30	6,50	4,80

Data base: 16/05/2020.

### Cenário macroeconômico

As incertezas em relação aos impactos da pandemia de Covid-19 sobre a economia seguem elevadas, mas a divulgação de indicadores econômicos do período sob quarentena permite que comecemos a mensurar o risco com parâmetros reais.

As revisões de cenários estão se organizando em dois campos. Os otimistas avaliam que o impacto da pandemia resultará em recessão entre 4% e 5% em 2020 e, ainda mais importante, acreditam que o nível prévio possa ser alcançado em 2021. Já os pessimistas consideram que a desaceleração será mais profunda e a recuperação bem mais lenta, levando a uma queda entre 6% e 8%, e o pico prévio só seria alcançado em 2022 ou 2023.

Os dados não oficiais já divulgados referentes aos meses de abril e maio sinalizam que a economia deverá registrar uma contração sem paralelos históricos no segundo trimestre, o que em princípio está contemplado nas duas visões de cenário. Deixando de lado a discussão alfabética sobre o desenho da recuperação, pois associar letras (V, U, L ou W) ao formato da recuperação é pouco informativo, acreditamos que a definição do cenário será dada pela força da recuperação ao longo do 3º trimestre de 2020 e pelo fôlego nos trimestres seguintes.

Nos cenários otimistas, a economia registrará alta na margem a partir do 3º trimestre, enquanto na avaliação pessimista a economia continuará contraindo no 3º trimestre e voltará a crescer somente no último trimestre, o que comprometerá o crescimento médio do ano.

Diante de uma situação sem precedentes, a postura mais serena sugere aguardar os dados antes de assumir grandes convicções. Primeiro, é preciso confirmar a flexibilização do isolamento em junho e, em seguida, a força da recuperação em julho, agosto e setembro.

A queda da economia no segundo trimestre deve ser da ordem de dois dígitos, o que assusta e acaba levando a revisões cada vez mais negativas. No entanto, por ora, mantemos um viés otimista com relação à capacidade de a economia brasileira acelerar após a flexibilização.

Se a flexibilização do isolamento ocorrer em junho, avaliamos que as políticas anticíclicas compensarão uma parte dos efeitos usualmente associados a uma queda tão forte do PIB.

As políticas compensatórias (fiscal, monetária, de renda e de crédito) são de uma amplitude gigantesca e foram desenhadas para amortecer os impactos da paralisação. O total das medidas de estímulo pode chegar a 32% do PIB e parece improvável que, num cenário global de recuperação, isto não pavimente uma trajetória de recuperação.

A soma das medidas de crédito e financeiras para prover liquidez ao sistema financeiro - como redução de compulsórios e as linhas de crédito para empresas e famílias - totaliza R\$ 1,5 trilhão ou 22% do PIB. Já as medidas fiscais - como o auxílio emergencial, o programa de preservação de emprego, os gastos de combate à pandemia e as transferências de recursos para estados e municípios - totalizam R\$ 684 bilhões ou 9,9% do PIB.

Outra faceta inédita deste episódio é a política monetária. Nunca em nossa História o Brasil teve condições de reduzir juros para enfrentar uma crise e agora o Banco Central manterá os juros reais próximos de zero por um período prolongado. Esta mudança no regime das taxas de juros nominal e real, uma conquista do regime de metas de inflação, é outro componente que parece subestimado nas visões mais pessimistas.

Por isso, a conjugação da reabertura da economia com os estímulos deverá resultar em quedas interanuais menores das vendas do varejo, da produção industrial e do faturamento real dos serviços ao longo do segundo semestre. A simples redução da taxa de contração anual resultará em crescimento forte na margem, o que indicará que a economia entrou em processo de normalização no terceiro trimestre.

Embora uma queda mais duradoura do emprego, da renda e da confiança torne plausível um recuo mais intenso e uma recuperação mais lenta, é possível que os efeitos expansionistas estejam um pouco subestimados nas visões mais pessimistas. De qualquer modo, diante da incerteza sobre a reabertura da economia, o cenário pessimista tem probabilidade similar ao cenário otimista.

No cenário base, a economia deve registrar contração inferior a 10%, na margem do segundo trimestre, com uma recuperação marginal nítida, de 3,8% no terceiro trimestre frente ao segundo trimestre, o que culminará com o ano registrando uma queda de 4,5% em 2020.

Neste cenário, a decisão do Banco Central confirmou nosso cenário de juros. Seguimos esperando que a taxa Selic seja reduzida em 75 pontos básicos na reunião de junho, para 2,25% ao ano. Para 2021, esperamos estabilidade da taxa Selic ao longo do ano, pois apesar da projeção de crescimento do PIB de 5,4%, a inflação projetada é de apenas 2,9%, ainda abaixo do centro da meta de 3,75%.

Nosso cenário alternativo, com queda de 7% do PIB, requer quedas interanuais ao longo dos próximos meses próximas ou superiores às observadas durante a quarentena, o que parece improvável se o isolamento for flexibilizado em junho. Se a quarentena se estender além de junho, naturalmente, a recuperação da economia no terceiro trimestre se tornará improvável, viabilizando uma contração de 7%.

No ambiente de recuperação mais lento da economia, a intensidade do choque deflacionário seria intensificada frente ao cenário base e, portanto, a inflação atingiria 0,8% ao fim de 2020. A combinação de desaceleração e menor pressão inflacionária permitirá que o Banco Central reduza a taxa Selic para 1% ao ano no cenário alternativo.

## Estratégia de gestão

### Estratégia de alocação

Apesar da existência do sentimento de aversão ao risco e de muitas incertezas, tanto o mercado de renda fixa quanto as Bolsas de Valores apresentaram recuperação no mês de abril, o que possibilitou uma melhora na rentabilidade dos planos da Petros.

Em abril, os ativos de risco em geral tiveram um bom desempenho, com fechamento da curva de juros local e alta das Bolsas globais. O destaque negativo foi o desempenho da moeda brasileira. Acreditamos que os momentos de maior estresse no mercado ficaram para trás, o que não significa dizer que não temos um cenário de elevada incerteza.

Além das dúvidas relacionadas à recuperação da economia global, a crise no sistema de saúde e o aumento de incerteza local tiveram impacto sobre o desempenho dos preços de ativos, mas a perspectiva de que economias desenvolvidas poderão reabrir em breve sustentaram preços ao longo de abril.

### Renda Variável

O segmento de Renda Variável da Petros registrou ganho de 10,8% em abril, recuperando parte das perdas observadas em março, enquanto o Ibovespa registrou alta de 10,3%.

Portanto, a característica desinflacionária do choque da pandemia sobre a economia gera uma reação inequívoca de flexibilização da política monetária e manutenção da taxa de juros em níveis historicamente baixos, qualquer que seja o cenário de recuperação da atividade nos próximos trimestres.

Uma faceta interessante em relação à média dos cenários pessimistas do mercado é que, diferentemente da discussão precedente, os valores de inflação e de taxa Selic parecem compatíveis com uma queda bem menos pronunciada do PIB.

Por fim, um pressuposto fundamental de todos os cenários é a manutenção da política econômica atual, em especial da austeridade fiscal (teto de gastos), que é o pilar sobre o qual o regime de metas para a inflação e o câmbio flutuante se ancoram.

A perda da âncora fiscal desorganizaria a economia e geraria uma dinâmica de crise similar à vivenciada em 2001. A percepção sobre a trajetória fiscal no médio e no longo prazo será decisiva para determinar a percepção de risco - com repercussões sobre o câmbio e sobre a inclinação da curva de juros e, dessa forma, sobre a intensidade da recuperação.

A Carteira Própria teve rentabilidade de 9,1%, com destaque para o desempenho de BRF (28,5%), enquanto o fundo FP Ibovespa FIA contribuiu com valorização de 11,4%. Por último, o fundo FIA Petros Ativo registrou alta de 14,4%, com 4,1 pontos percentuais acima do Ibovespa, graças à concentração em ações de empresas que se beneficiam da aceleração do crescimento local.

A posição comprada em índice futuro da Bolsa teve influência positiva, ao render 10,6% no mês. Esta estratégia - implementada com anuência do Conselho Deliberativo e da Diretoria Executiva - visa manter a exposição de renda variável dos planos próximos, ou abaixo, do Portfólio de Referência, conferindo mais agilidade para que, em um momento posterior, seja trocada por posições em ações à vista e ETFs (Exchange Traded Funds) - movimento este iniciado em março.

A carteira dos FIAs de gestão externa (R\$ 2,8 bilhões de patrimônio líquido) rendeu 12,75% no mês, enquanto o Ibovespa subiu 10,25%, acumulando no ano -26,3%, frente a -30,4% do Ibovespa.

### Multimercados

O Fundo Petros Carteira Ativa Multimercado (FP CA FIM), nosso multimercado de gestão própria, apresentou rentabilidade de 1,12%, equivalente a 394% do CDI em abril. O bom desempenho pode ser

explicado principalmente pela estratégia aplicada em juros de curto prazo e pelos investimentos em renda variável.

O FP FOF Multimercado - que consolida os investimentos realizados nos fundos multimercado de gestores terceirizados - rendeu 1,62%, equivalente a 569% do CDI em abril, acumulando -2,2% no ano.

### Renda Fixa

Na Renda Fixa, nos vencimentos de curto prazo, a dinâmica foi positiva, em especial a partir do momento que o Banco Central sinalizou que a função de reação seguiria o regime de metas de inflação.

Em abril, os juros dos títulos indexados à inflação mais longos, apesar de ainda distantes do nível verificado ao fim de dezembro 2019 de 3,60% ao ano., foram negociados a 4,41%. Sendo assim, o IMA-B5+, que é o *benchmark* dos vencimentos indexados ao IPCA com prazo superior a cinco anos, registou rentabilidade de 2,01%, mas acumula queda de 8,81% desde o início do ano. O IRF-M, que é o *benchmark* dos títulos pré-fixados, apresentou ganho de 1,15% em abril, acumulando alta de 2,59% no ano de 2020.

O resultado do índice IMA-B5+ do mês de abril foi o responsável por torná-lo menos negativo desde início do ano, contrapondo o desempenho negativo verificado em março (-10,93%), contribuindo positivamente para o índice, como os meses de janeiro de 0,04% e de fevereiro de 0,31%. Este comportamento dos preços explica, em grande parte, o desempenho da nossa carteira de renda fixa, que está marcada a mercado. Na marcação a mercado, os preços dos títulos são atualizados pelos respectivos preços negociados no mercado em casos de ativos líquidos ou, nos demais casos, por uma estimativa adequada de preço que o ativo teria em uma eventual negociação feita no mercado diariamente.

A perspectiva é de que até meados de 2020 os mercados apresentem ainda altos níveis de volatilidade. No entanto, à medida que as economias retomem suas atividades, esperamos que os mercados convirjam para níveis mais benignos de preços. Apesar dos títulos de longo prazo ainda poderem embutir uma nova onda de pessimismo, com maiores riscos estruturais, o mercado poderá propiciar novas oportunidades de compra caso, ao passar do tempo, os agentes voltem a projetar cenários mais construtivos no futuro, dado o arcabouço de socorro e incentivos de governos ao redor do mundo.

A carteira de Renda Fixa consolidada da Petros apresentou ganho de 0,31% em janeiro, de 0,24% em fevereiro, queda de -6,67% em março e ganho de 1,62% em abril, refletindo a elevada participação de títulos marcados no vencimento.

Sobre a estratégia dos fundos de inflação, no fundo FP Inflação Curta promovemos a imunização frente ao *benchmark* (IMA-B5) e atuamos

de forma tática nos mercados de NTN-B e juros em períodos de grandes distorções. No FP Inflação Longa, mantivemos a estratégia de maior duração em relação ao *benchmark* (IMA-B5+) atuando taticamente no mercado de juros para capturar possíveis distorções nos preços. Desta forma, o FP Inflação Curta rendeu +0,24% em abril, enquanto o FP Inflação Longa registou rentabilidade de +1,64%.

Assim como os últimos meses, ainda em linha com nossa estratégia para a carteira própria, seguimos pouquíssimos expostos aos fundos de crédito terceirizados após o movimento de resgate expressivo realizado na primeira semana de novembro do ano passado. O FP FOF Alta Liquidez CP – com R\$ 42 milhões de patrimônio líquido atualmente, frente a R\$ 1,2 bilhão em outubro de 2019 - teve rentabilidade de 0,6% em abril (ante 0,3% do CDI), o que equivale a 128,0% do CDI. No ano, o fundo rendeu -2,3%, contra 1,3% do CDI. Vale ressaltar que o único fundo investido no momento pelo FOF é o Icatu Inflação, que tem como indexador a NTN-B e não o CDI, o que explica a volatilidade recente na cota.

### Imóveis

O Setor de Gestão de Imóveis manteve a estratégia de foco no aumento das locações, a fim de proporcionar maiores retornos nos médio e longo prazos. Porém, devido à pandemia, o setor continua registrando redução na demanda do mercado por visitas e informações sobre os imóveis vagos da Petros, principalmente no eixo Rio-São Paulo.

As análises e acompanhamentos no segmento de fundos imobiliários continuam em andamento com o objetivo de estruturar uma posição que proporcione retornos atrativos.

### Ativos ilíquidos e Block Trades

O foco da gestão na carteira de FIPs segue sendo o desinvestimento. Em abril, não ocorreram eventos relevantes na carteira de FIPs, embora as equipes sigam trabalhando ativamente o mercado em busca de oportunidades de desinvestimento.

A rentabilidade da carteira em abril foi resultado dos ajustes (contas a pagar, contas a receber, rendimento do caixa) nas empresas que compõem nossa carteira. Também é relevante informar que as equipes seguem estudando as práticas das fundações europeias e norte-americanas em relação às estratégias de investimentos em ativos não negociados em mercado aberto.

Historicamente, na experiência internacional, tem sido um nicho de investimento com grande potencial de retorno, mas que, no Brasil, não tem uma avaliação tão favorável. Nosso foco é, primeiro, entender como o mercado internacional se organiza e como os fundos de pensão constituem o processo de investimento e escolha de gestores. A partir daí, podemos avaliar sua aplicabilidade ao Brasil.

## Desempenho dos Investimentos

### Rentabilidade mensal prévia (abril)

Posição em 30/04/2020

Planos Petros	Rentabilidade mensal prévia						
	Renda Fixa	Renda variável	Investimento Estruturado	Imóveis	Operações com participantes	Total	Meta atuarial
Braskem	0,28%	-	-	-	-	0,28%	-
Copesul	0,28%	-	-	-	0,77%	0,28%	-
Lanxess	1,00%	9,09%	-0,05%	0,25%	0,77%	2,11%	0,12%
Nitriflex	1,52%	9,85%	1,42%	0,06%	0,77%	3,01%	0,17%
PGA	1,09%	8,36%	1,45%	3,93%	-	2,72%	0,12%
Planos de contribuição definida (CDs)	1,10%	11,91%	1,64%	-	0,77%	2,52%	0,14%
PP-2	0,94%	11,46%	1,64%	0,18%	0,77%	3,26%	0,22%
PPSP-NR 70	0,28%	-	-	-	0,77%	0,45%	0,22%
PPSP-NR	1,95%	10,06%	0,26%	0,04%	0,77%	3,58%	0,15%
PPSP-R	1,99%	10,66%	0,26%	0,04%	0,77%	3,80%	0,15%
PPSP-R 70	0,28%	-	-	-	0,77%	0,53%	0,22%
PQU	0,28%	-	-	-	-	0,28%	-
Sanasa	0,65%	12,08%	1,64%	-	0,77%	2,94%	0,41%
TapmePrev	0,42%	11,48%	1,64%	-	-	2,76%	0,20%
Ultrafértil	0,94%	9,68%	-0,05%	0,12%	0,77%	2,34%	0,13%
<b>Petros</b>	<b>1,58%</b>	<b>10,80%</b>	<b>1,27%</b>	<b>0,06%</b>	<b>0,77%</b>	<b>3,50%</b>	<b>-</b>

**Planos de contribuição definida (CDs):** Alesat, Cachoeira Dourada, Eldorado Prev, FiepePrev, GasPrev, IBPPrev Associados, Liquigás, Petro RG, PTAPrev, PrevFiea, PrevFiepa, Repsol YPF, SulgasPrev, TermoPrev, Aduanaprev, AnaparPrev, CRAPrev, CRCPrev, CROPrev, CulturaPrev, FenajPrev, IBAPrev, Prev-Estat, PreviContas, Prevtália, Simeprev, SinMed/RJ

## Rentabilidade mensal prévia (acumulada de janeiro a abril)

Posição em 30/04/2020

Planos Petros	Rentabilidade anual prévia						Meta atuarial
	Renda Fixa	Renda variável	Investimento Estruturado	Imóveis	Operações com participantes	Total	
Braskem	1,30%	-	-	-	-	1,30%	-
Copesul	1,30%	-	-	-	0,77%	1,29%	-
Lanxess	0,31%	-26,11%	7,54%	-0,10%	3,97%	-4,40%	0,12%
Nitriflex	-0,30%	-27,21%	-0,66%	0,73%	4,28%	-7,68%	1,86%
PGA	0,10%	-23,37%	-0,89%	4,34%	-	-6,59%	1,64%
Planos de contribuição definida (CDs)	0,49%	-30,18%	-2,23%	-	2,95%	-8,33%	1,73%
PP-2	1,91%	-30,47%	-2,01%	1,45%	4,03%	-10,53%	2,06%
PPSP-NR 70	1,22%	-	-	-	5,09%	2,98%	2,05%
PPSP-NR	-6,31%	-26,40%	3,47%	1,22%	5,07%	-12,07%	1,76%
PPSP-R	-6,61%	-26,10%	3,47%	1,24%	3,70%	-12,11%	1,78%
PPSP-R 70	1,23%	-	-	-	3,37%	2,16%	2,05%
PQU	1,30%	-	-	-	-	1,30%	-
Sanasa	2,87%	-29,23%	-2,23%	-	4,91%	-9,52%	2,19%
TapmePrev	2,31%	-30,37%	-2,23%	-	-	-10,97%	1,99%
Ultrafértil	0,91%	-26,18%	7,54%	2,21%	3,73%	-5,15%	1,68%
<b>Petros</b>	<b>-3,59%</b>	<b>-27,75%</b>	<b>-0,39%</b>	<b>1,26%</b>	<b>3,90%</b>	<b>-11,20%</b>	<b>-</b>

**Planos de contribuição definida (CDs):** Alesat, Cachoeira Dourada, Eldorado Prev, FiepePrev, GasPrev, IBPPrev Associados, Liquigás, Petro RG, PTAPrev, PrevFiea, PrevFiepa, Repsol YPF, SulgasPrev, TermoPrev, Aduanaprev, AnaparPrev, CRAPrev, CRCPrev, CROPrev, CulturaPrev, FenajPrev, IBAPrev, Prev-Estat, PreviContas, PreviTália, Simeprev, SinMed/RJ